

A morte de Deus a partir do §2 do Prólogo de *Assim falou Zaratustra*

The death of God from the Prologue §2 Thus spoke Zarathustra

Rodrigo Ribeiro de Assumpção*

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar o tema da morte de Deus, partindo do §2 do Prólogo de *Assim falou Zaratustra*. Nossa concepção é a de que a morte de Deus está numa estreita relação de necessidade com o processo de superação vivido pela personagem Zaratustra. Nessa superação, o profeta teve seu estado de ânimo e pensamento modificados, passando de um estado de decadência de força e negação da vida para um estado de elevação, aumento de poder e afirmação da existência. A partir do acatamento da morte de Deus, Zaratustra pode abandonar o niilismo negativo da metafísica e da crença no divino, pode ultrapassar e superar o niilismo do desânimo que está à espreita dos últimos-homens, para, enfim, sobressair a possibilidade da busca por um caminho existencialmente singular de expressão da vontade e de afirmação plena da vida. Essa foi a sabedoria adquirida por Zaratustra, e é exatamente ela que o profeta quer levar ao conhecimento e quer ensinar aos homens.

Palavras-Chave: Transformação; Morte de Deus; Zaratustra; Niilismo; Superação.

Abstract: This article aims to analyze the God's death theme, starting from §2 of the Prologue of *Thus Spoke Zarathustra*. Our conception is that the God's death is in a close relation of necessity with the process of overcoming lived by Zarathustra. In this overcoming, the prophet had his state of mind and thought modified, going from a state of decay of strength and denial of life to a state of elevation, increase of power and affirmation of the existence. From the contemplation of the God's death, Zarathustra can abandon the negative nihilism of metaphysics and the belief in the divine, can overcome the nihilism of discouragement that is lurking in the last men, in order to highlight the possibility of the search for an existential singular way of expressing the will and full affirmation of life. This was the wisdom acquired by Zarathustra, and that is exactly what the prophet wants to bring to knowledge and wants to teach men.

Key words: Transformation; Death of God; Zarathustra; Nihilism; Overcoming.

Recebido em: 19/02/2019 – *Received in: 02/19/2019*

Aprovado em: 04/04/2019 – *Approved in: 04/04/2019*

* Mestrando do curso de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. Contato: filosofo666rural@gmail.com

Prévia da morte de Deus

A morte de Deus é tema polêmico em Nietzsche. Segundo esse autor, Deus é um dos maiores erros criados pelo homem. Deus é uma ilusão, um nada criado para depreciar o valor da própria vida. Sobre o ato de criação de um Deus, criação de um erro, Nietzsche nos diz que, para seus criadores,

todos os valores mais altos são de primeira ordem, todos os conceitos mais elevados, o ser, o incondicionado, o bem, o verdadeiro, o perfeito — nenhum deles pode ter se tornado, tem de ser *causa sui* [causa de si mesmo]. Mas também não pode ser dissimilar um do outro, não pode estar em contradição consigo... Assim os filósofos chegam ao seu estupendo conceito de “Deus”... O último, mais tênue, mais vazio é posto como primeiro, como causa em si, como *ens realissimum* [ente realíssimo]... E pensar que a humanidade teve de levar a sério as fantasias doentes desses tecedores de teias! — E pagou caro por isso!¹

Sobre a morte de Deus, esse filósofo entende que ela é a constatação de um fato. Deus não é mais requerido como fundamento nem pela ciência, nem pela filosofia; Deus é desnecessário para o homem moderno. “O ‘mundo verdadeiro’ [o mundo de Deus] — uma ideia que para nada mais serve, não mais obriga a nada —, ideia tornada inútil, logo refutada: vamos eliminá-la”². Nietzsche também diz ser impossível a afirmação da própria existência e da vida enquanto existir Deus: “o conceito de ‘Deus’ foi, até agora, a maior objeção à existência... Nós negamos Deus, nós negamos a responsabilidade em Deus: apenas *assim* redimimos o mundo”³.

O declínio de Zaratustra e a morte de Deus (Prólogo, §2)

O §2 do Prólogo é iniciado com a descida do profeta das montanhas. Descendo as montanhas, chegando à floresta, Zaratustra encontra um ancião eremita que, tal como ele, se recolheu à solidão — porém, por motivos distintos⁴, como veremos. Este ancião

¹ Nietzsche, F. *Crepúsculo dos ídolos* [doravante CI], A “razão” na filosofia, §2.

² CI, Como o “mundo verdadeiro” se tornou finalmente fábula, §5.

³ CI, Os quatro grandes erros, §7.

⁴ Para antecipar um pouco o esclarecimento sobre essa diferença entre a solidão de Zaratustra e a solidão do ancião da floresta, citemos Machado: “Para Zaratustra — e esse tema está presente ao longo de todo o livro — ser solitário não é isolar-se, não é evadir-se da história. É o eremita [ancião] que se recolhe à floresta e ao ermo porque, considerando o homem imperfeito, ama Deus e não os homens. A solidão de Zaratustra não dispensa os homens. E, por isso, lança o desafio de viver no meio deles — ou com o mundo — sem esse sentimento de perda, sem esvaziamento, enfraquecimento” (Machado, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*, p. 44).

presenciou a subida de Zaratustra para as montanhas, ocorrida há dez anos. “Este viandante não me é desconhecido; há muitos anos o vi passar por aqui. Então se chamava Zaratustra; mas agora está mudado”. O ancião foi a primeira pessoa a reconhecer a transformação de Zaratustra. Com olhos bem atentos, percebera que, naquela época, Zaratustra subiu as montanhas carregando suas “cinzas”. Mas agora quer trazer o seu “fogo para o vale”.

Segundo nos parece, ao trazer as “cinzas” como o peso carregado por Zaratustra para o alto das montanhas, Nietzsche quer chamar a atenção para o fato de que Zaratustra mesmo já fora um niilista⁵ e, enquanto tal, tinha para si, assim como todos os “trasmundanos”⁶, um Deus por demais insatisfeito, pesado e decadente, de onde emanavam valores que depreciavam a própria vida. Portanto, Zaratustra sobe as montanhas carregando as “cinzas” de seu sofrimento, as “cinzas”, definitivamente, já de insatisfação por esse pesado Deus do além-mundo, que o fazia desviar os olhos de si mesmo e do sentido da terra, mas também carregava as “cinzas” da insatisfação e do desgosto pelo homem de seu tempo (homem desanimado e angustiado com a vida).

Decerto, esse Deus era obra de si mesmo, era criação de suas próprias “cinzas”, era produção de sua própria pequenez momentânea. Ao falar de Deus, Zaratustra diz: “homem era ele, somente uma pobre porção de homem e de Eu; de minhas próprias cinzas e brasas me veio ele, esse fantasma; na verdade, não me veio do além!”⁷. Com essas “cinzas” celestiais e humanas, Zaratustra sobe as montanhas, porém agora, em sua descida, está mudado, como constata o ancião. Nesse meio tempo, que durara dez anos, motivado por sua vontade criadora, inocente e prazerosa, buscando através dela superar toda náusea e nojo que carregou para sua solidão, pois os valores existentes até então não mais ofereciam respostas às questões da vida, o profeta acabou por afugentar o fantasmagórico Deus: “eis que o fantasma *fugiu* de mim!”⁸. O ato criativo de Zaratustra, a criação de novo sentido para a existência, criação de um novo modo de vida, pautado sobre o princípio de superação de tudo o que vive, por pura necessidade, precisou destruir os antigos valores existentes, dado que era impossível coexistirem. Não é

⁵ “Niil” vem do latim *nihil*, que significa nada. Niilismo, portanto, é uma redução ao nada. De acordo com a leitura que fazemos das obras de Nietzsche, niilismo é qualquer conjunto de crenças e valores sustentados por algo inexistente, o nada, porém um nada tomado como verdade absoluta. Pelo ponto de vista desse filósofo, toda ideia de verdade é uma ilusão, a verdade é uma não existência, é um nada. Disso se segue que as crenças e os valores tradicionais pautados na ideia de verdade são infundados, ausentes de sentido e, por sua vez, niilistas.

⁶ Assim falou Zaratustra [doravante AFZ], I, Dos trasmundanos.

⁷ Ibidem.

⁸ Ibidem. Na tradução de Mario Ferreira dos Santos: “o fantasma de mim se *afastou*”.

possível criar o novo, partindo da consideração do princípio de superação, tendo fundamentos estáticos e de conservação como referenciais. Por conseguinte, motivado por essa vontade criadora, Zaratustra necessitou destruir valores antigos que não mais davam respostas à sua vontade criadora, necessitou, então, destruir também o fundamento dos antigos valores, Deus. Podemos verificar com isso que a vontade de criação/afirmação de Zaratustra é primária, e a vontade de destruição/negação, secundária. Esta é apenas uma consequência daquela. Quer dizer, antes de ser niilista e destruidor de antigos valores, Zaratustra é vontade criadora de novos valores: “vontade de gerar [...] foi esta vontade que me levou para longe de Deus e dos deuses: que haveria, pois, para criar, se deuses houvesse?”⁹. Ao afugentar Deus, Zaratustra termina com todo o seu sentido. Seguramente, se Deus não tem mais sentido, “Deus está morto”. Com a morte de Deus, Zaratustra supera o niilismo metafísico da crença no divino e afirma outro tipo de niilismo, o niilismo criador de valores: “que aconteceu, meus irmãos? Superei a mim mesmo, ao sofredor; carreguei minhas próprias cinzas para os montes, uma chama mais viva inventei para mim”¹⁰. Em suma, pode-se constatar que Zaratustra é niilista apenas secundariamente, que, antes de tudo, ele é afirmativo em elevado grau. Seu modo de valorar afirmativo diz um grande “Sim” às contradições da vida e, somente posteriormente, por pura necessidade, diz “Não” ao modo de valorar dualista tradicional (metafísico/cristão).

No entanto, mesmo tendo o ancião presenciado Zaratustra carregar suas “cinzas” para os montes e retornar com “fogo”, ele não pode saber da verdadeira transformação de Zaratustra, pois seu Deus ainda vive. O que provavelmente o ancião reparou, no momento da subida do profeta, foi um certo estado de decadência de ânimo, que Zaratustra, aproveitando-se do cultivo de si, transformou em “fogo”. “Fogo” que representa um estado de ânimo mais leve, elevado, forte, sem mágoa, imprevisível, despreocupado, tal como o ânimo de uma “criança”¹¹, e, em igualdade, representa a sabedoria de Zaratustra, criadora espontânea de ações harmoniosas, tal qual os gestos criados por um “dançarino”¹².

⁹ *Ecce Homo* [doravante EH], Assim falou Zaratustra, §8.

¹⁰ AFZ, I, Dos trasmundanos.

¹¹ Última fase das metamorfoses do espírito (camelo, leão e criança). (Cf. AFZ, I, Das três metamorfoses).

¹² Referente à leveza do gesto criador. “Pois não se pode excluir a *dança*, em todas as formas, da *educação nobre*; saber dançar com os pés, com os conceitos, com as palavras; ainda tenho que dizer que é preciso saber dançar com a *pena* — que é preciso aprender a *escrever*?” (CI, O que falta aos alemães, §7). Em continuidade, a fala de Zaratustra: “e também a mim, que sou bem-disposto com a vida, parece-me que borboletas e bolhas de sabão, e o que há de sua espécie entre os homens, são que mais entende de

Zaratustra está transformado, como declara o próprio ancião: “seu olhar é límpido, sua boca não encerra mágoas. Não caminha como um dançarino? Zaratustra está mudado, Zaratustra fez-se criança, Zaratustra é homem desperto”. Efetivamente, tal como o titã Prometeu roubou o fogo dos deuses do Olimpo e o ofertou aos homens, Zaratustra anseia por presentear os homens com o seu fogo. Porquanto, não é mais o fogo dos deuses o que o profeta quer oferecer, esse fogo já se apagou, mas sim um novo fogo, muito mais ardente e vivo, o fogo que representa a sabedoria sobre a vida a partir dela mesma — a doutrina da superação.

Apesar do reconhecimento da transformação de Zaratustra, o ancião não consegue entender o porquê de sua escolha pelo declínio para junto dos homens. “Vivias na solidão como no mar, e esse mar te levava. Pobre de ti, queres acostar? Queres de novo, infeliz, arrastar teu próprio corpo?”. Em resposta, Zaratustra equivocadamente ou não, talvez apenas expressando o pouco de sentimento niilista que lhe restara, diz que se sacrifica por amor aos homens, ou seja, anseia carregar o peso e a responsabilidade de seu destino por esse amor. Ao ouvir o discurso ressentido do ancião que, decepcionado e cheio de rancor pelos homens, preferiu a solidão e dedica, agora, seu amor e louvor tão somente ao seu Deus, Zaratustra corrige sua fala e declara que, na realidade, não é por amor aos homens que se sacrifica, mas é por seu destino de presentear — Zaratustra é abundante e tem generosidade. O profeta quer presentear os homens com o seu saber, e faz disso o seu declínio e destino. Esse saber é tão rico e nobre que Zaratustra diz, em resposta à provocação do ancião que o orientou a dar apenas esmolas aos homens, que “não lhes darei esmolas. Não sou bastante pobre para isso”.

Vale a pena ressaltar que as motivações e os resultados da solidão foram, ambas, diferentes para Zaratustra e para o ancião. Pelos homens não saberem receber seu presente, o amor do ancião, por eles, se transformou em rancor, ressentimento, negação e autoproteção de si, por isso se recolheu à solidão. Já para Zaratustra, a náusea e o nojo que sente pelo homem de seu tempo (o último-homem, o homem moderno) estão transformando-se em amor, sacrifício, sabedoria, destino e afirmação. Zaratustra, motivado por vontade criadora, se recolheu à solidão e, lá, se superou, querendo agora declinar “de novo” para junto dos homens. Vemos, aqui, com clareza, as distinções entre os eremitas, entre a força ativa de Zaratustra e a força reativa do ancião.

felicidade. Ver esvoejar essas alminhas ligeiras, tolas, encantadoras e volúveis leva Zaratustra às lágrimas e ao canto. Eu acreditaria somente num deus que soubesse dançar” (AFZ, I, Do ler e escrever).

Em continuação, alertado pelo ancião dos perigos de ter com os homens e lhes presentear com tesouros e dádivas, Zaratustra, consciente desses riscos, anseia por seu destino e não lhe dá ouvidos. Então novamente o ancião o alerta: “não lhes dê nada [...] é preferível aliviá-los de alguma coisa que possas carregar com eles”. No entanto, o ensinamento que o profeta quer oferecer é uma doação de tesouro, e não busca, com isso, aliviá-los de qualquer peso. Seu ensinamento é rico e pesado e está destinado àqueles que têm força suficiente para carregá-lo. Não sabendo do peso do ensinamento de Zaratustra, o ancião, dedicado e feliz adorador de seu Deus, o interroga: “Que nos trazes de presente?”. E Zaratustra assim o diz: “que teria eu para vos dar? Mas deixa-me partir depressa, antes que vos tire alguma coisa!”. Provavelmente, Zaratustra não deu seu presente ao ancião por três motivos: primeiramente, porque poderia fazê-lo perder o pouco de felicidade que ainda tinha com seu Deus; em segundo lugar, por ter percebido que ele não possuía força o suficiente para suportar o peso de sua sabedoria; e, por último e não menos importante, o ancião ainda não tinha matado o seu Deus, portanto, uma fase importante da transmutação, a destruição das antigas tábuas de valores, ainda não havia sido feita¹³. Dessa forma, despedem-se e riem, sem Zaratustra, no entanto, revelar-lhe o seu ensinamento e presente.

Na última estrofe do §2, pela primeira vez no livro, é anunciada a morte de Deus. Zaratustra, numa fala consigo, revela, com estranhamento, o fato de ainda existirem pessoas que desconhecem que “Deus está morto”. Para ele, somente os mais desinformados ainda não sabem desse acontecimento.

A importância e as consequências da morte de Deus

Um homem com uma lanterna na mão à procura de Deus diz:

Procuro Deus! [...] Para onde foi Deus? — bradou — Vou lhe dizer! Nós o matamos, vós e eu! Nós todos, nós somos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como pudemos esvaziar o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte? Que fizemos quando desprendemos a corrente que ligava a Terra ao sol? Para onde vai agora? Para onde vamos nós?¹⁴

A morte de Deus aparece pela primeira vez, nas obras publicadas de Nietzsche, em *A gaia ciência* de 1882, no conhecido aforismo 125. Outrossim, de modo implícito, o

¹³ Todos esses três motivos foram bem pontuados por Stegmaier, W. *Antidoutrinas. Cena e doutrina em Assim falava Zaratustra de Nietzsche*, pp. 28-30.

tema já pode ser percebido em seus escritos de juventude, mais especificamente, desde o escrito póstumo intitulado *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, de 1873. Nele, o filósofo estabelece uma crítica geral à pretensão de verdade¹⁵. Para Nietzsche, toda pretensão de objetividade da realidade tem por detrás o interesse de uma vontade subjetiva. Em outras palavras, qualquer pretensão de verdade se origina de uma interpretação singular da realidade. Desse modo, linguisticamente considerada, a verdade é, em si, metáfora e metonímia. Ao que se mostra, é possível perceber que já está presente no póstumo supracitado, não obstante, uma crítica aos fundamentos últimos sobre os quais a crença na verdade é erigida. Para Nietzsche, a verdade é uma criação ilusória que aprisiona o homem em uma única perspectiva da realidade, isto é, a crença na verdade é um erro, uma vez que limita, estabelece, determina e generaliza valores e conhecimentos. Disso se segue que, se tomamos Deus como o fundamento da fé cristã e se entendemos que Deus remete a uma série de crenças, dentre as quais à crença na verdade absoluta, então Nietzsche em *Sobre verdade e mentira*, em certo sentido, restrito, já antecipa o tema da morte de Deus. Já em sua juventude, Nietzsche aparece como um crítico da crença na verdade absoluta e, indiretamente, um crítico da ideia de Deus, pois percebe que a verdade é uma ilusão que encarcera o homem: “ante a notícia de que ‘o velho Deus morreu’ nos sentimos como iluminados por uma nova aurora [...] enfim o horizonte nos parece novamente livre [...], novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, *nosso* mar, está novamente aberto”¹⁶. Com a perda da crença na verdade absoluta e a consequente descrença em Deus, “o mundo tornou-se novamente ‘infinito’ para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele *encerre infinitas interpretações*”¹⁷.

Referente a isso, em *Assim falou Zaratustra*, a morte de Deus assume uma função especial de condição necessária para a possibilidade do processo de superação¹⁸. Nesse mesmo sentido, Fink percebe a razão de ser da morte de Deus ao dissertar que ela é condição inicial para a doutrina filosófica da vontade de poder de Nietzsche: “é somente a partir da morte de Deus, isto é, a partir do declínio do ultramundo idealista,

¹⁴ *A gaia ciência* [doravante GC], §125.

¹⁵ Em *Humano demasiado humano II* [doravante HH II], Nietzsche fala das motivações que o levaram a escrever *Sobre verdade e mentira*: “e não acreditava ‘em mais nada’ [...] justamente então escrevi algo que mantive inédito, ‘Sobre verdade e mentira no sentido extramoral’” (HH II, §1).

¹⁶ GC, §343.

¹⁷ GC, §374.

¹⁸ “A morte de Deus é a base, o ponto de partida para a filosofia de Zaratustra” (Machado, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*, p. 48).

que é possível considerar a vontade de domínio como elemento constitutivo da vida”¹⁹. Cabalmente, a morte de Deus é condição necessária para a destruição de antigos valores e para a criação de novos valores, em síntese, é fundamental para o processo de *transvaloração (transmutação) de todos os valores*²⁰. Acompanhemos Stegmaier na abordagem dessa questão:

Criou-se um Deus para dar sentido à vida inteira, um sentido idêntico, comum, transmissível a todos. O Deus que foi morto era um deus que deveria garantir a ordem moral da vida, um “deus moral”. [...] Com a “morte” do “deus moral”, segundo Nietzsche, perdeu-se a velha crença numa boa ordenação da vida. Com esse evento tem início um “interregno moral” [...] em que se tem de “erigir novamente as leis da vida e do agir” por si mesmos [...]. Para tanto são necessários “homens dedicados à experimentação”, homens que não se deixam censurar, e não precisam ser censurados, por doutrinas vigentes de “valores que se tornaram dominantes” [...] e têm a força para “criar” novos valores.²¹

No §2 do Prólogo, o personagem do ancião é um claro representante do niilismo metafísico da crença no divino. Esse eremita da floresta, segundo Zaratustra, por pura desinformação da morte de Deus, permanece e permanecerá nessa condição niilista, pois o presente que o profeta tem a oferecer não lhe pode ser dado — dado que seu Deus ainda vive. Segundo nos parece, a morte de Deus é condição necessária para o cultivo da sabedoria que Zaratustra quer ofertar, a doutrina da superação. Essa sabedoria criadora de novas tábuas de valores necessita, também, destruir valores estabelecidos, e, somente por isso, Deus tem que estar morto: “e quem quer ser criador no bem e no mal deve, primeiro, praticar a destruição e despedaçar valores”²². Destarte, ocorre que a destruição de valores deve ser uma das fases da transmutação; e, sendo Deus o fundamento das antigas tábuas de valores que direcionaram nossa cultura ocidental por dois mil anos, então, essa divindade precisa estar ausente para que essas velhas tábuas possam ser destruídas.

Repare-se que não é tanto a morte de Deus que está em questão, mas, imperiosamente, a destruição dos valores antigos. Valores esses negadores da vida enquanto tal, uma vez que valoram a vida a partir de um referencial que está fora do escopo da própria vida. No entanto, para destruição desses valores, faz-se necessário destruir seu fundamento, Deus. Em todo caso, Deus não é morto por Zaratustra. O

¹⁹ Fink, E. *A filosofia de Zaratustra*, p. 196.

²⁰ Sobre a transmutação de todos os valores Cf. EH. “Aurora”, §1; “Para além do bem e do mal”, §1 e; “Porque sou um destino”, §1.

²¹ Stegmaier, W. *Antidoutrinas. Cena e doutrina em Assim falava Zaratustra de Nietzsche*, p. 28.

²² EH, Porque sou um destino, §2.

profeta apenas anuncia sua morte. E mesmo quando Zaratustra fala de sua transformação, ele diz que Deus “fugiu”²³ dele, e não que o matou. Certamente, Deus também não foi morto por Nietzsche — a morte de Deus é um feito que Nietzsche atribui ao homem moderno²⁴. Este homem, desde a época da Iluminação, vem contribuindo para a morte cada vez mais constatável de Deus e, segundo Calomeni, isso é o “sinal indicativo do esgotamento da metafísica”²⁵. Convocando dessa vez Suffrin, tem-se que depois do século das Luzes, “que retirou o poder político ao soberano de direito divino, até o século da ciência positiva, da eficiência industrial e das revoluções políticas, o lugar de Deus fez-se cada vez menor”²⁶. Deus não é requerido para justificar nada mais na ciência, nem na filosofia, nem na moral, nem em qualquer outra área, a não ser na religião, é claro. Portanto, para o homem moderno, ele não é mais necessário. A existência de Deus não tem mais a mínima importância para o debate filosófico-científico contemporâneo de Nietzsche. Em resumo, a morte de Deus é dada pela sua desimportância. O desaparecimento de Deus da cultura moderna, sua morte funcional, para Nietzsche, é a extrema expressão do niilismo — uma extrema expressão da vontade de negação que, mesmo matando Deus, não consegue abandonar a condição de ser niilista.

Importante ressaltar que o termo “niilismo” não figura em nenhuma parte da obra *Assim falou Zaratustra*, contudo, as características niilistas estão presentes em distintas figuras da trama. Sobre esse assunto, Julião esclarece que

O niilismo, em *Zaratustra*, é tratado de forma alegórica e representado por alguns personagens e cenários: a negra serpente, a aranha, o adivinho (o profeta do niilismo), o bufão de Zaratustra, as negras nuvens, o deserto etc. Além dessa representação alegórica, a temática do niilismo se manifesta também por alguns afetos ou sintomas que o personagem principal experimenta e terá que superar, tais como: ressentimento, paixão, náuseas e nostalgia.²⁷

²³ AFZ, I, Dos trasmundanos.

²⁴ Cf. Julião, J. *O ensinamento da superação em Assim falou Zaratustra*, pp. 78-79: o autor aponta para a recorrente consideração, no séc. XIX, da morte de Deus. Igualmente ao que Julião sinalizou, Machado escreve que “é o homem moderno o responsável pela perda da confiança em Deus, pela supressão da crença no mundo verdadeiro [...], pela substituição da teologia pela ciência, do sono dogmático pelo sonho antropológico, do ponto de vista de Deus pelo ponto de vista do homem [...], a substituição da autoridade de Deus e da Igreja pela autoridade do homem considerado como consciência ou razão [...], a substituição de uma beatitude celeste por um bem-estar terrestre”. Acertadamente, ao nosso ver, Machado apresenta que a morte de Deus “é a constatação da ruptura que a modernidade introduz na história da cultura com o desaparecimento dos valores absolutos, das essências, do fundamento divino” (Cf. Machado, R. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*, p. 48).

²⁵ Calomeni, T. *A proclamação nietzschiana de retorno do trágico-dionisíaco*, p. 211.

²⁶ Suffrin, H. *O “Zaratustra” de Nietzsche*, p. 48.

Terminantemente, Julião sentencia que o termo niilismo, para Nietzsche, designa dois sentidos: por um lado, designa o niilismo que orientou a história ocidental desde Platão (com a teoria das ideias, Platão teria inaugurado a metafísica, opondo mundo inteligível ao mundo sensível) e foi acentuado com a moral cristã (Deus como fundamento dos valores). Esse niilismo, que aqui optamos tratar por niilismo metafísico, revela, contudo, o mundo extraterreno, o mundo dos valores universais, os quais deveriam direcionar as condutas e o sentido histórico da humanidade, desqualificando tudo o que é sensível e terreno. Por outro lado, niilismo também designa, após a morte de Deus, após a decadência e a grande crise dos valores “metafísico-morais” que sustentavam até então a humanidade, “a crise ameaçadora na qual estava lançado o mundo moderno, com a desvalorização dos valores universais que lançaram a humanidade na angustiante situação de que nada mais tinha sentido”²⁸. De acordo com Nietzsche, este último tipo de niilismo — em nosso termo, o niilismo do último-homem — é o mais ameaçador para o homem. Pois, segundo nos esclarece Julião, esse niilismo se manifesta com “esgotamento dos sentidos e se traduz em um grande cansaço, ou seja, o grande fastio do homem por si mesmo, uma agonia infinita, um interminável crepúsculo”²⁹. Como resultado, o homem entra em uma crise desoladora, depressiva e angustiante. Aliás, pelo dito do próprio Nietzsche, “o homem preferirá ainda querer o nada a nada querer”³⁰. Ao querer o nada, ao direcionar o sentido da existência para um princípio além-mundo, um nada, a vontade mesma está salva. Há um motivo para a existência, há um motivo para o sofrimento, mesmo que esse motivo seja o nada. Pela concepção desse filósofo, o homem suporta a dor da existência desde que tenha um sentido. Assim sendo, o estágio em que nada quer, onde a vontade mesma não está direcionada a nada, este é o total desalento do homem, essa é a sua maior angústia. Por isso, Nietzsche declara ser este o tipo de niilismo de maior perigo para a espécie homem.

Nada obstante, o niilismo esteve sempre presente como condutor do sentido histórico da humanidade, seja por ter preferido o nada como mediador da vida, seja por nada ter preferido. Müller-Lauter, acenando para a crítica que Nietzsche dirige à modernidade, revela que “a modernidade é a época do desmoronamento: ‘os princípios desorganizadores’ caracterizam-na. A desorganização se mostra na heterogeneidade das

²⁷ Julião, J. *O ensinamento da superação em Assim falou Zaratustra*, p. 82.

²⁸ *Ibidem*, p. 81.

²⁹ *Ibidem*, p. 82.

estimativas de valor contraditórias entre si”³¹. Em continuação, menciona que ao homem moderno de Nietzsche

Falta-lhe a medida que permitiria afirmar uma coisa e rejeitar outra. A aspirada “universalidade no compreender” levou a um “deixar-tudo-aproximar-se” cujo resultado, em contrapartida, é “um-não-saber-onde-sair-nem-entrar”. Onde se justificam todas as pretensões, mesmo as contrapostas, não há como se formar nenhum “novo ideal”.³²

De certo modo, o homem moderno matou Deus, pouco a pouco, ao estabelecer “novos” fundamentos para justificar “novos” valores. No entanto, segundo o pensamento de Nietzsche, esses “novos” valores continuam sendo erigidos sobre fundamentos antigos de qualidades últimas e universais, fundamentos de onde derivam — não por acaso, pois a história da humanidade é devidamente niilista —, valores gerais para a vida. Porquanto, a vida continua sendo valorada, pelo homem moderno, a partir de referenciais extraterrenos, referenciais de além-mundos. Ao que parece, os modernos apenas substituíram o antigo fundamento universal Deus, fundamento de todos os antigos valores, por alguns outros fundamentos de mesma qualidade universal. Esses novos fundamentos são capazes, a partir de então, de dizerem verdades e organizarem este mundo das aparências. Enfim, são exemplos de fundamentos substitutos de Deus: as leis matemáticas, as leis físicas, as teorias naturais e cosmológicas, a alma, a economia, o progresso e etc. Obviamente, na concepção de Nietzsche, a cultura moderna continua sendo fundamentalmente negativa, niilista, porque nega que o valor da vida possa ser dado por ela mesma. Essa cultura niilista, então, tem por tendência criar mediadores para além da vida, com intuito de avaliarem a própria vida: “os modernos não levam a *morte de Deus* às últimas consequências: sobretudo pela ciência, a modernidade perpetua o *ideal ascético*, continua a reconhecer a verdade como valor superior [...], não se livra das ‘sombras de Deus’”³³.

Antes de qualquer coisa, diferentemente dos homens modernos, Zaratustra não precisou matar Deus para encontrar sua sabedoria. O conhecimento adquirido por Zaratustra é tão grandioso, criativo, afirmativo e belo que nem mesmo Deus suportou permanecer ao seu lado, precisando, ele, fugir da presença do profeta. A necessidade de matar Deus para estabelecer nova verdade, segundo Zaratustra, é coisa de homem

³⁰ *Genealogia da moral* [doravante GM], III, §28.

³¹ Müller-Lauter, *Nietzsche, sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*, p. 76.

³² *Ibidem*, p. 77.

³³ Calomeni, T. *A proclamação nietzschiana de retorno do trágico-dionisiaco* p. 211.

possuidor de vontade negativa, espírito de vingança, pequeno e feio³⁴. Do que foi abordado, acima de tudo, corroboramos com a observação oferecida por Julião de que não foi a morte de Deus a causa da superação e da sabedoria de Zaratustra, mas foi a própria superação de Zaratustra, seu ato criativo e afirmativo, a causa da morte de Deus³⁵. Seguramente, Zaratustra estabelece um movimento inverso do que necessitou fazer o homem moderno, o assassino de Deus.

Até aqui, o que podemos perceber é que tanto Deus quanto a consideração de sua morte (a desimportância de Deus), e mesmo quaisquer dos tipos de niilismo, parecem ser elementos necessários ao processo de transformação/superação de Zaratustra. Pois cada um deles, ao que nos parece após observar a própria dinâmica da autossuperação de Zaratustra, implica necessariamente serem superados. Zaratustra se supera ao lutar contra sua degeneração de forças cuja causa advém do niilismo e, por conseguinte, ao buscar potencialização através da afirmação de seu destino e da vida. Para Julião, e aqui estamos de acordo, “o niilismo, enquanto processo, é necessário, e sua necessidade implica necessariamente sua superação”³⁶. Provavelmente isso possa justificar a estratégia de Nietzsche em optar por anunciar, logo no §2 do Prólogo, a morte de Deus, pois ela, “a máxima expressão do niilismo”³⁷, é condição necessária para a sabedoria criativa de Zaratustra. Necessária, porém não suficiente. No tocante a esse tipo de necessidade, somos também corroborados pela proximidade de interpretação com Müller-Lauter, vejamos:

No que há de enigmático e pleno de contradição no homem moral se oculta algo “*pleno de futuro*”. “Como se com ele se anunciasse algo, se preparasse algo, como se o homem não fosse um alvo, mas somente um caminho, um episódio, uma ponte, uma grande promessa...”. Nietzsche afirma, no contexto de uma genealogia da crença em deuses, “que nós ingressamos pouco a pouco no movimento *contrário*”. Ao “declínio da crença no Deus cristão” em que “veio à luz o máximo de sentimento de culpa na Terra”, corresponde um notável “declínio da consciência de culpa humana”. Delineia-se no futuro “uma espécie de *segunda inocência*”.³⁸

Para Nietzsche, “a segunda inocência, contudo, não deve consistir numa retomada da primeira [do período pré-moral]”, assegura Müller-Lauter. Em síntese, “o

³⁴ O assassino de Deus. Cf. AFZ. IV, “O mais feio dos homens”.

³⁵ Cf. Julião, J. *O ensinamento da superação em Assim falou Zaratustra*, pp. 76-95.

³⁶ *Ibidem*, p. 93, nota 19.

³⁷ *Ibidem*, p. 81.

³⁸ Müller-Lauter, W. *Nietzsche, sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia* p. 113. (nessa citação, o autor trabalha sobre trechos de KSA 5.321 e 5.329 e GM, II, §§16 e 20, conforme deixa impresso nas notas 144 e 145).

novo tem de brotar dele [do período moral], apesar de todo antagonismo em relação a ele”³⁹. Segundo bem captou o comentador, a época moral para Nietzsche tem duplo significado: “de um lado, ela aparece como uma época de declínio; mas, de outro, como época de preparação para uma humanidade mais rica, que não seria possível sem ela”⁴⁰.

No passado, Zaratustra mesmo parece ter sido um niilista do tipo metafísico e, como tal, regia suas ações a partir de um fundamento “verdadeiro” que lhe era exterior.

Outrora, também Zaratustra lançou sua ilusão para além do homem, como todos os *trasmundanos*. A obra de um deus sofredor e atormentado me parecia então o mundo. Sonho me parecia então o mundo, e ficção de um deus; colorida fumaça ante os olhos de um divino insatisfeito. Bem e mal e prazer e dor e tu e eu – eram, para mim, colorida fumaça ante olhos criadores. O criador quis desviar o olhar de si mesmo – então criou o mundo. [...] Assim, também eu lancei, outrora, minha ilusão para além do homem, como todos os *trasmundanos*.⁴¹

No entanto, ao descer as montanhas, Zaratustra o faz como um niilista criador. Superando a si mesmo, superando suas cinzas de “coisas celestiais”, seus sofrimentos originários da ilusão chamada Deus e parte da desilusão chamada homem pode criar, tão somente a partir de si, o sentido na terra: “é ainda quem mais honestamente fala do seu ser, esse Eu criador, querente, valorador, que é a medida e o valor das coisas”⁴². Interessante notar, também, que Nietzsche afirma incisivamente que a criação e exaltação de além-mundo (tais como o mundo das Ideias ou o paraíso cristão), bem como, por consequência, a desqualificação deste mundo sensível e mutável e a desqualificação das coisas do corpo são, todas, frutos de uma mesma vontade de potência degenerada e fraca, essencialmente pessimista e negativa. É isso o que o faz sustentar que o cristianismo, o platonismo e toda a cultura ocidental moderna — com suas teorias científicas, filosofia, política, religião, matemática, etc. — estão em mesmo pé de igualdade quando avaliam as coisas desse mundo a partir de referenciais que estão em outro mundo, que, na verdade, estão num “nada” — um “nada” que generaliza e que dá sentido ao nosso mundo. Por isso, de acordo com as investidas de Nietzsche, todos esses negadores do mundo, niilistas metafísicos, criadores de além-mundos, são, não por sorte, desvalorizadores da vida enquanto tal.

Não obstante, Zaratustra superou suas próprias “cinzas”, superou a si mesmo como sofredor, superou parte de sua angústia, superou seu decadente e insatisfeito

³⁹ *Ibidem*, p. 113.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 119.

⁴¹ AFZ, I, “Dos *trasmundanos*”.

Deus. Com a morte de Deus, o último infinito se foi, e, com ele, todos os antigos valores, fundamentos e verdades. “Deus está morto”: o falecimento divino faz Zaratustra tomar consciência de um fato irreversível, a finitude do homem. Por consequência dessa tomada de consciência, novos valores devem ser criados a partir dessa nova existência finita e sem recompensas além-mundo. Se Deus está morto, “a porta está aberta para a segunda etapa da transmutação [...] é preciso situar em outro lugar os valores morais”⁴³. A vontade de criação foi a causa da morte de Deus, mas agora que Deus está morto, é preciso criar outro referencial para os novos valores. Corroboramos, dessa maneira, com a acentuação de Calomeni: a “*morte de Deus*, pressente uma espécie de condição, embora não suficiente, para a configuração de uma nova forma de pensar e valorar”⁴⁴. Com a morte do referencial Deus, os antigos valores também morrem. Asseguradamente, a porta está aberta para a próxima etapa. Sendo assim, a criação de um novo referencial para os novos valores é a segunda etapa da transmutação experimentada por Zaratustra.

Conjuntamente com a morte de Deus, extinguem-se também a crença no mundo transcendente e metafísico, bem como todo o aparato dualístico que sustentou a cultura ocidental até então: extinguiram-se os dualismos alma e corpo, paraíso e terra, mundo inteligível e mundo sensível. Deliberando sobre a morte de Deus em *Zaratustra* e a consequente destruição do dualismo moral, Suffrin salienta muito bem o binarismo valorativo como traço essencial de nossa cultura.

É a oposição entre este mundo e o além, que cada um traduz em sua linguagem, o religioso falando do sagrado e do profano, de existência terrestre e de vida sobrenatural, o filósofo falando do sensível e da Ideia, do fenômeno e do número, do aparecer e do Ser, o psicólogo, seguido pelo moralista, opondo a alma e o corpo, o cientista opondo o fato bruto à lei matemática que o explica. Toda a nossa cultura se resume assim nessa desconfiança em relação a tudo aquilo que é imediato, só sendo considerado como real e digno de atenção o que está por trás, o mediato. O sábio é então aquele que não se deixa iludir; ser culto é saber desconfiar, como se deve, daquilo que é dado; é afirmar, não sem algum desprezo por quem não o vê [...], que há por trás, além, algo mais fundamental. E cada um em seu domínio de competência, padre, filósofo, cientista, trata de explicar o melhor que pode esse além.⁴⁵

Inegavelmente, pelo que se pode observar da análise oferecida, a superação de Deus (a superação do niilismo metafísico) e a superação das consequências que podem

⁴² Ibidem.

⁴³ Suffrin, H. *O “Zaratustra” de Nietzsche*, p. 52.

⁴⁴ Calomeni, T. *A proclamação nietzschiana de retorno do trágico-dionisiaco*, p. 211.

⁴⁵ Suffrin, H. *O “Zaratustra” de Nietzsche*, pp. 48-49.

ser geradas pela morte de Deus (superação do niilismo do último-homem) são condições necessárias para um novo tipo de perspectiva de vida: a vida como superação, a vida a partir dela mesma. Porém, a constatação da morte de Deus traz em si um perigo: o gigantesco risco de cair no pior e mais perigoso tipo de niilismo, o niilismo que está à espreita do homem moderno, o niilismo do último-homem (um desprezo total pela vida, um completo sem sentido para a existência humana, a negação da vida como contradição de forças). Assim também, porém, não sem ressalvas, Julião aborda essa dupla possibilidade de destino do homem cuja causa advém da tomada de consciência da fatídica morte de Deus:

O momento da tomada de consciência da morte de Deus, para Nietzsche, é o mais perigoso de todos, pois ele aponta para dois caminhos distintos: um — o que ele gostaria que a humanidade seguisse — é o caminho da superação, a tomada de consciência de que somos nós mesmos que comandamos, ou seja, não há autoridade externa nos guiando, somos nós mesmos que nos conduzimos, na busca de nos tornarmos aquilo que somos; o outro é o perigo que essa percepção pode lançar sobre a humanidade, pois tal tomada de consciência revela que aquilo em que depositávamos a mais alta esperança é desprovido de valor, é ficção e se revela como nada. Esse sentimento de nada instaurado pela ausência de Deus pode lançar a humanidade no mais calamitoso e nebuloso dos tempos, no qual nada vale a pena, tudo é em vão.⁴⁶

Pode-se extrair dessa citação que, mesmo sob a imposição do destino, temos uma margem contingencial para deliberarmos sobre nossas ações. Considerando essa perspectiva, Zaratustra anseia ensinar aos homens sua sabedoria, para que possam fazer da constatação da morte de Deus não a causa justificadora de um desprezo e desânimo total pela vida, mas que a morte de Deus seja uma possibilidade para a superação do próprio homem e, igualmente, que abra o caminho para o tornar-se o que se é. Dessa maneira, a sabedoria de Zaratustra nos revela que o acontecimento da morte de Deus deve ser tratado como uma possibilidade para um novo modo de pensamento, para um novo tipo de pensamento capaz da afirmação da vida, da realidade, dos fatos, assim como eles são — uma afirmação e um amor, sem reservas, à própria necessidade do acontecimento, seja, ele, um acontecimento prazeroso ou, em si, o de maior sofrimento já experimentado —, um amor incondicional que Nietzsche chamou de *amor fati*. Por conseguinte, a morte de Deus torna possível a afirmação de si como uma existência singular dotada de vontade e capaz de criar e comandar suas próprias ações, tendo tão somente a vida como referencial. Portanto, a morte de Deus é condição necessária ao

⁴⁶ Julião, J. *O ensinamento da superação em Assim falou Zaratustra*, p. 80.

processo de superação do niilismo. Ratificamos, com isso, a importância do primeiro ensinamento que Zaratustra oferece aos homens: Deus está morto.

Referências bibliográficas

CALOMENI, Tereza Cristina B. *A proclamação nietzschiana de retorno do trágico-dionisíaco*. 26 f. Parte da pesquisa de Pós-Doutorado – PUC-Rio. Rio de Janeiro, p. 189-214, [s.d.] Disponível em: <http://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_28_10_tereza_cristina_b_calomeni.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2017.

FINK, Eugen. *A filosofia de Zaratustra*. Porto: Editorial Presença, 1983.

JULIÃO, José Nicolao. *O ensinamento da superação em Assim falou Zaratustra*. Campinas, SP: Editora Phi, 2016.

MACHADO, Roberto. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche, sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Tradução: Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*. Tradução e notas: Mario Ferreira dos Santos. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Genealogia da moral – uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Humano, demasiado humano – um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Humano, demasiado humano – um livro para espíritos livres, volume II*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

STEGMAIER, Werner. Antidoutrinas. Cena e doutrina em Assim falava Zaratustra de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 23, p. 11-52, 2009. Disponível em: http://gen.fflch.usp.br/sites/gen.fflch.usp.br/files/u41/CN_25.11-52.pdf>. Acesso em: 30 out. 2017.

SUFFRIN, Pierre Héber. *O “Zaratustra” de Nietzsche*. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.